

Owain das mãos vermelhas

Tradução de Vânia Dall' Aqua Corrêa
vania.dac@hotmail.com

E tinha esse rapaz chamado Dafydd, pastor por profissão, que era um sujeitinho difícil. Seu trabalho era levar criaturas bovinas de Cardigan até Londres, umas 30 léguas de distância, mais ou menos. Foi essa profissão — pastorear um grande número de bestas estúpidas, teimosas e que mugem o tempo todo, sobre montes e dentre vales, cruzando rios e passando por vilas inglesas — que tornou o jovem Dafydd uma pessoa tão esquentada, mal humorada e com caráter maldoso.

Em certa ocasião, em uma nova rota que ele havia decidido experimentar, por entre as vilas de Llandebie e Carmarthen, Dafydd encontrou uma aveleira robusta e nodosa e, com seu machadinho e faca, cortou e esculpiu ele mesmo um forte cajado que podia ser usado para caminhar longas distâncias, ou para arrebentar a cabeça de alguém.

Alguns dias depois, com o gado já entregue e após alguns percalços (um ataque de dragão com duas vacas levadas e devoradas), Dafydd estava sentado sozinho em uma mesa de madeira envernizada na taverna *A Cabeça de Javali*, às margens do rio Tamisa, resmungando a respeito de seu caneco de latão com cerveja quente, choca e gordurosa, que era a mais barata que se servia no *Javali*. Dentre a multidão dos clientes habituais estava o velho mago Myrddin, o homem que os ingleses chamavam de Merlin, porque sempre pronunciavam os dois “dês” errado e ficavam muito envergonhados ao falar “Merdin”.

Myrddin, ao espiar o jovem rapaz de sobrancelhas escuras, sentou-se à mesa e tentou puxar uma conversa civilizada.

— De quais paragens vem esse jovem rapaz de sobrancelhas escuras? — Perguntou ele a Dafydd, em tom amigável.

— De Cymru, País de Gales, o que isso tem a ver com você? — Rosnou

o jovem, apontando o cajado de avelãzeira em direção à cabeça do velho. A taverna ficou em silêncio, no aguardo de um espetáculo. Todos ali conheciam Myrddin.

— Ah! País de Gales! A minha própria terra natal!

E com um movimento repentino, que aos olhos de todos pareceu apenas como um risco no ar, o cajado de avelãzeira foi parar nas mãos de Myrddin, o que deixou Dafydd fervendo de fúria.

— Conheço esse cajado, disse o mago jovialmente. — Esta árvore é uma velha amiga minha.

Dafydd não disse nada, mas sua mão se moveu lentamente em direção ao punhal escondido debaixo de sua túnica.

— Você não acredita em mim, não é mesmo? Continuou o velho, - Não cortou este ramo de uma antiga avelãzeira na trilha que fica a uma légua a leste de Llandebie? Posso ver em seu rosto que sim. — E sorriu mostrando dentes enormes e amarelados.

Vou lhe contar um segredo, jovem Dafydd, porque esse é o seu nome, não é?

Ainda em silêncio, Dafydd relaxou um pouco a mão que apertava a faca, na perspectiva de ouvir o segredo.

— Olhe a seu redor, Dafydd — disse o velho mago.

— Esses homens que você vê, os clientes daqui, são homens de posses, não são?

Olhando em volta Dafydd viu que os homens usavam roupas finas de seda e fios de ouro, não eram os trapos que o povo que costuma frequentar tavernas geralmente usa; eles tinham mãos limpas e cabelos bem aparados, que reluziam com brilhantina, um luxo muito caro. Dafydd, envergonhado, tocou seus próprios cabelos brilhantes, penteados com gordura de ganso e xixi de vaca. Também parecia que cada homem ali carregava, amarrada ao seu cinto, uma bolsinha pesada com moedas. Todos estavam olhando para o pastor jovem e sorumbático e estavam sorrindo; alguns levantaram seus canecos em uma saudação irônica. Os canecos estavam cheios com a melhor cerveja do *Javali*, gelada, fresca e espumante, perfumando o ar com o cheiro de cevada e lúpulo, bem mais cara do que Dafydd poderia pagar.

Myrddin prosseguiu:

— Ouça, rapaz, embaixo daquele exato local, na árvore de onde você cortou seu cajado, existe uma caverna cheia de tesouros. Você gostaria de vê-la?

Agora, claro que Dafydd estava interessado.

— Sim! O que eu tenho que fazer?

— Volte até o local da avelãzeira, - Myrddin o instruiu - Caminhe nem bem duzentas jardas para o leste e irá encontrar uma cabana bem simples. Vá até essa cabana e converse educadamente com o senhor que lá se encontra; pergunte, bem com gentileza, se ele pode lhe emprestar uma pá e uma picareta. Vá até a

avelãzeira e espere até que o sol esteja abaixo do galho mais baixo e lá, embaixo daquele galho, você deve cavar. Logo encontrará a caverna dos tesouros! Vá, jovem, o tesouro está a sua espera!

Dafydd prestou muita atenção, apesar de as palavras “bem educadamente” não fazerem parte de seu vocabulário, e saiu zunindo da taverna como um raio.

Passados três dias, depois de ter roubado a pá e a picareta do quintal da cabana, onde não viu ninguém, Dafydd cavava ao pé da avelãzeira. Depois de vinte minutos a terra fofa desmoronou e abriu-se um buraco profundo em que Dafydd caiu. Quando a poeira baixou e ele conseguiu se levantar, percebeu que estava em uma grande sala iluminada por tochas que queimavam nas paredes decoradas com espadas e lanças, escudos, armaduras e capacetes de guerreiros de eras passadas. Havia muitos baús abertos, jóias e ouro transbordando no chão de tabuões de madeira. Dafydd percebeu que no outro lado da sala havia um guerreiro gigante sentado em um trono de ouro e prata. Por causa da enorme coroa de ouro e do assento luxuoso, Dafydd presumiu que ele fosse um rei, e devido aos altos roncões que emanavam daquela direção, que ele estava adormecido. Em sua mão direita, vermelha de sangue, o gigante segurava uma espada imensa, cuja ponta jazia no chão, duas jardas adiante de si.

O jovem pastor andou na ponta dos pés em direção a um dos baús abertos e só então percebeu vários esqueletos sem cabeça espalhados pelo chão, os crânios separados a várias jardas de distância dos corpos. As órbitas vazias pareciam olhar espantadas, sem entender nada. O rapaz começou a encher seus bolsos com moedas e pedras preciosas, lançando olhares nervosos à figura adormecida e também ao redor de toda a sala. Reparou, pela primeira vez, que próximo a uma parede havia uma mesinha com um livro grosso e antigo, encadernado com algo bem nojento, morto e seco. Sem poder conter a curiosidade, curvou-se sobre o livro e folheou algumas páginas. De repente, ficou chocado ao ver seu nome estampado na primeira página que leu. Tentando se concentrar na história, Dafydd esforçava-se para recordar as aulas de gramática antiga do galês com o irmão Geraint e leu: “Tentando se concentrar na história, Dafydd esforçava-se para recordar as aulas de gramática antiga do galês com o irmão Geraint e leu...” O rapaz soltou um grito de medo e pulou para longe do livro, mas o livro o puxava de volta como um ímã muito forte, que mantinha seus olhos atraídos às páginas; ele continuou com a leitura: “O rapaz soltou um grito de medo e pulou para longe do livro, mas o livro o puxava de volta como um ímã muito forte, que mantinha seus olhos atraídos às páginas.” Ele leu:

“De repente ele deu-se conta de que o ronco havia parado.”

De repente ele deu-se conta de que o ronco havia parado.

“Ele olhou em volta.” Ele olhou em volta e ali mesmo, em pé, à sua sombra estava Owain Llawgoch, Owain das Mãos Vermelhas, o guerreiro gigante, que até 20 segundos atrás dormia um longo sono de 300 anos. Com um só golpe

violento da espada imensa, fez a cabeça de Dafydd rolar ao chão, com um olhar estupefato de surpresa em seu rosto. O sangue esguichava no ar vindo do pescoço aberto do corpo que pertencera ao pastor Dafydd de Cardiganshire. As pernas estremeçeram e o corpo caiu ao chão.

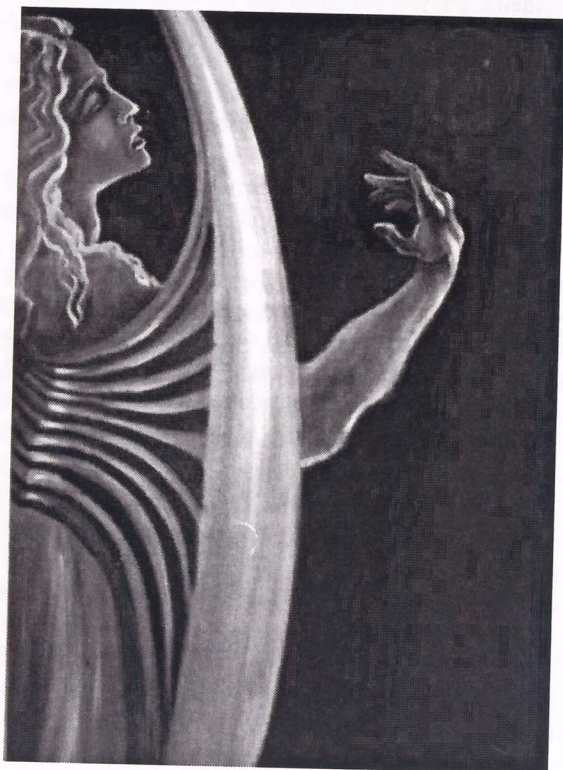
—Quero DORMIR! O guerreiro gigante gritou.

De volta à *Cabeça de Javali*, Myrddin acordou de uma soneca de três dias.

—O que foi desta vez?

Coçou a cabeça como se estivesse tentando se lembrar de algo.

—Ah, sou um idiota! Esqueci de avisar o rapaz sobre livro e sobre o feitiço que mantém Owain adormecido! Espero que não tenha havido nenhum problema quanto a isso. Bem, tenho que voar agora. Vejo vocês mais tarde, cavalheiros! Levantou-se e se dirigiu à porta.



Welsh folk tales
Retold by Alan Peter Fear

"My Lord", the priest interrupted, "Your confession."

"Oh, yes, and years ago, at the Lady Gladys's request, I killed a young knight, heaven knows what for, but since that time the ghost of my sister Nest has been nagging me, relentlessly, oh she won't let me in peace!"

Lady Gladys was white with fear, "He is delirious, doesn't know what he's talking about", "Of course I know what I'm talking about woman", Sir Gruffydd went on "Anyway, she goes on and on about how she was going to marry some Sir Mansell some-one-or-other and how she is doomed to walk the earth (and nag me) until in years to come a Mansell shall marry a Dhu, only then she (and I) will be at peace.

Oh, and I had an affair with Molly the kitchen maid too, just yesterday, and you know what? I'm suddenly feeling much better, bring me ale!"

Sir Gruffydd indeed improved of health and lived for many more years, and all the while being nagged at by the ghost of Nest. Gladys died of something nasty shortly after her husband had confessed, so did the priest and leech doctor who both met with unfortunate accidents involving sharp pointy things.

It was said by the villagers that a white figure was often seen walking listlessly over and near the bridge over the river Gwendraeth which became to be known as Pont Ysgrêch, the Bridge of the White Spirit.

In 1998, through a series of mischance, coincidences, encounters and mis-encounters, Stan Mansell, Household Waste Management Technician, or in other words, bin man, and Edith Black, Hygiene and Organizational Operator (cleaner) met at the Miner's Helmet, and after a time, or a few times anyway, they married at Jenkin Street Registry Office in Llanelli.

The white spirit at Pont Ysgrêch hasn't been seen since.

Owain of the red hand

Now there was a lad, Dafydd by name, a drover by trade, nasty young fella. His job was to take a lot of bovine creatures from Cardigan to London, around 30 leagues or so of distance. It was this profession, herding a large number of stubborn dumb mooing beasts over hill and under dale, across rivers and through English villages that made young Dafydd bad tempered and of an overall mean character.

On one such occasion, on a new route he thought he'd try out, through the village of Llandebie in Carmarthen, Dafydd spied a stout knobbly hazel tree and with his short axe and knife cut and sculpted himself a firm staff for walking long distances or for breaking heads.

Some days later, the cattle delivered with very few losses (one dragon attack – two cows carried away and devoured), Dafydd sat alone at a stained wooden table in The Boar's Head on the banks of the Thames, grumbling over his pewter pot of warm flat greasy ale that was the Boar's cheapest. Amongst the scattering of other usual customers there was the old wizard Myrddin, the man the English call Merlin because they always got the pronunciation of the double d wrong and were too embarrassed to say "Merdin".

Myrddin, on spying the young lad with the dark brow, sat at the table and tried to open a civil conversation, "From what lands are you, young lad with the dark brow?", he asked Dafydd in a friendly tone.

"Cymru, Wales, what's it to you?" the youngster growled pointing the hazel staff at the old man's head. The tavern became silent in anticipation of a spectacle. Everyone there knew Myrddin.

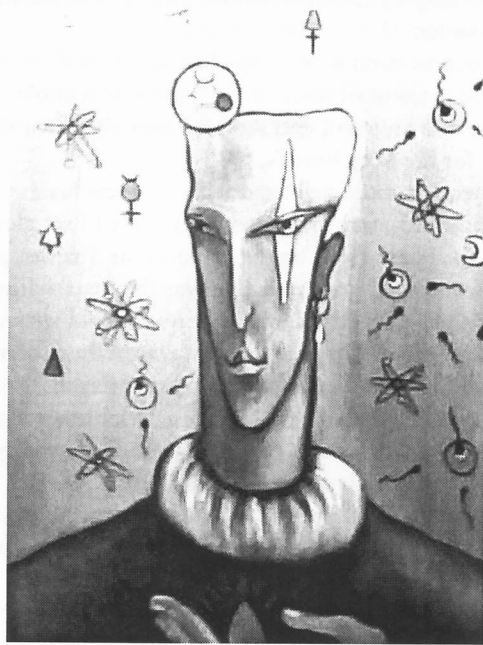
"Ah! Wales! My very homeland!", with a sudden strike that everyone saw as just a blur, the hazel staff was in Myrddin's hands, Dafydd's face boiled with fury.

"I know this stick", said the wizard jovially, "The tree is an old friend of mine", Dafydd said nothing but his hand moved slowly toward the dagger concealed beneath his tunic.

"You don't believe me?", continued the old man, "Didn't you cut this limb from an ancient hazel on the trail one league east of Llandebie? I can see from your face that you did", he smiled showing enormous yellow teeth, "I'll tell you a secret young Dafydd, for that is your name is it not?"

Still silent, Dafydd relaxed his hand from the knife a little at the prospect of hearing a secret.

"Look around you Dafydd", the old wizard said, "these men you see, the clients here, they are rich men, are they not?", looking around Dafydd saw that the men wore fine clothes of silk and gold thread, not the usual tavern folk rags, they had well groomed, clean hands and hair, which shone with brilliantine, an expensive luxury, Dafydd self-consciously touched his own shiny hair, greased with goose fat and cow pee. It seemed also that each man there carried, tied to his waist belt, a small pouch heavy with coin. Everyone was looking at the grumpy young drover and grinning, more than one man lifted in his tankard in an ironic salutation, the tankard filled with Boar's Best Ale, chilled, foaming and fresh, perfuming the air with wafts of barley and hops, and well out of Dafydd's price range.



Myrddin went on, "Listen young man, beneath that exact place, the tree where you cut your staff, there is a cavern full of treasures, would you like to see it?", now of course Dafydd was interested, "Yes! What do I have to do?"

"Go back to the place of the hazel tree" Myrddin instructed, "not two hundred yards distance to the east you will find a simple farm cottage, go to this cottage and speak very politely to the gentleman you will meet there, ask, very politely, to borrow a spade and pickaxe. Go to the hazel and wait until the sun is below the lowest branch and there under that branch you will dig. Soon you will find the cave of treasures! Go young man, the treasure is waiting!"

Dafydd took all this in, though the words "very politely" did not belong in his vocabulary, and was out of the tavern in a shot.

Three days later, having robbed a spade and pickaxe from the yard of the cottage, without seeing anybody, Dafydd was digging at the base of the hazel tree. After twenty minutes the loose soil collapsed inwards and Dafydd fell into a deep hole. When the dust cleared and he had picked himself up, he found himself in a large room illuminated by burning torches on walls decorated with swords and spears, shields and armour and helmets of warriors of ages past. On the floor were several open chests, jewels and gold coin spilling out onto wooden floorboards. At the far end of the room Dafydd perceived a giant warrior sat on a throne of gold and silver. In his right hand, red with blood, the warrior held an immense sword, the point of which rested on the floor two yards to the king's front. From the enormous gold crown and the fancy seat, Dafydd presumed he was a king, and from loud snores emanating from that direction, apparently sleeping.

The young drover tip-toed across the floor toward an open chest, then for the first time noticed numerous headless skeletons scattered about, the skulls detached several yards from the bodies, the gaping eye sockets staring in amazement and incomprehension. The boy began to fill his pockets with coins and shiny stones, casting nervous glances at the sleeping figure and around the room. He noticed for the first time, against one wall stood a small wooden table on the top of which was a large ancient book, bound in something nasty, dead and dried. Unable to contain his curiosity, he crept over to the book and opened it a few pages, he was suddenly shocked to see his own name leap out from the first page he glimpsed at. Concentrating on the script, Dafydd struggled to remember his classes of Old Welsh Grammar with Brother Geraint, and read: "Concentrating on the script, Dafydd struggled to remember his classes of Old Welsh Grammar with Brother Geraint, and read", the boy yelled out with fright and leapt back away from the book but it was like a strong magnet pulling his eyes to the pages, he continued to read: "the boy yelled out with fright and leapt back away from the book but it was like a strong magnet pulling his eyes to the pages", he read on, "Suddenly he was aware that the snoring had stopped",

suddenly he was aware that the snoring had stopped, "he span around", he span around and there standing over him was Owain Llawgoch, Owain of the Red Hand, the giant warrior, who until 20 seconds ago had been sleeping a long sleep of 300 years. With one violent strike of the broad sword Dafydd's head was rolling on the floor, an idiot look of surprise on its face. Blood squirted into the air from the open neck of the body of what was once Dafydd Drover from Cardiganshire, the legs wobbled and the body collapsed onto the floor.

"I want to SLEEP!", the giant warrior yelled.

Back at the Boar's Head Myrddin awoke with a start from a nap of three days.

"What was it now?", he scratched his head as if trying to remember something,

"Ach, *twp*, am I. I forgot to tell the lad about the book and the spell to keep Owain asleep! No harm done I suppose. Well, have to fly, see you gentlemen later!"

He got up and headed for the door.

Contextualizações